

MODA SOB MEDIDA UMA PERSPECTIVA DO SLOW FASHION
SETS TAILORED A PERSPECTIVE OF SLOW FASHION

Dilara Rubia Pereira

Faculdade de Tecnologia SENAI Antoine Skaf - Brasil

dilara.rubia@sp.senai.br

Márcia Ferreira Nogueira

Faculdade de Tecnologia SENAI Antoine Skaf – Brasil

consepe110@sp.senai.br

Resumo

O *slow fashion* é um conceito atual que busca produzir moda de forma consciente, sem afetar em demasia o meio ambiente procurando respeitar aspectos sociais e econômicos. Este estudo relaciona a mais antiga maneira de se fazer moda, a roupa feita por encomenda, com o mais novo conceito de sustentabilidade na moda. Através da busca de novos caminhos que façam do design, confecção e consumo a seguir para uma vertente mais justa e responsável com o planeta e seus pertencentes.

Palavras chave: Slow Fashion; conscientização; roupa por encomenda.

Abstract

Slow fashion is a current concept that seeks to produce sets of consciously, without affecting too much the environment looking for respect social and economic aspects. This study relates the oldest way to make sets, clothes made to order, with the newest concept of sustainability in fashion. Through the search for new ways to make the design, production and consumption to a more fair and responsible to the planet and their belonging.

Key words: Slow Fashion; awareness; custom clothing.

Introdução

Este trabalho buscou realizar um estudo sobre o *slow fashion*, na perspectiva do segmento de moda sob medida, a partir de pesquisa bibliográfica, entrevistas não estruturadas e observação participante. Em meio a um enorme e concorrido mercado de moda fugaz, descartável, alucinante, que é o do *fast fashion*, surgem algumas práticas que seguem contra a corrente do padrão estabelecido e dão novas

oportunidades a pessoas que buscam o novo através do mais antigo conceito da moda: a roupa sob medida, feita por encomenda. E ainda carregam como bônus a construção de um sistema sustentável, pois com esta forma de consumo nada é produzido em demasia, apenas o que será consumido, não há excesso de resíduo, o que contribui ao meio ambiente e, normalmente, no âmbito social, o valor pago à mão de obra é bem mais justo que o do sistema *fast fashion*, configurando o *fair trade*.

O objetivo da pesquisa foi o de identificar e destacar como o design, confecção e venda de roupa sob medida, com consumo por encomenda, torna o mercado de moda sustentável e mais justo, tanto com o meio em que vivemos, quanto com as pessoas que dela vivem. Para tal, utilizou-se por metodologia revisão teórica para a compreensão do conceito *slow fashion* a ser desenvolvido e identificação do estado da arte da temática. Aprofundou-se sobre o fenômeno da roupa sob medida, através da observação do fenômeno e entrevistas não estruturadas. Com isso, puderam-se discutir os dados e tecer análises para o fortalecimento da produção de roupa sob medida, como *slow fashion* e *fair trade*.

1. Fast Fashion x Slow Fashion

1.1. Fast Fashion

No presente sistema vigente atuante do mercado, segundo Hoffmann (2011), o *fast fashion*, um fenômeno atual, surgido na década de 90 na Europa e que tem crescido muito, já se encontrando sedimentado no mercado mundial e brasileiro. Para a autora, este sistema procura, ainda, incrementar o consumo através da fabricação de produtos o mais próximo possível do momento de venda, reduzindo assim, o risco da demanda. Para Hoffmann, o *fast fashion* caracteriza marcas de roupas que visam a produção rápida e contínua das peças, renovando-se semanalmente ou mesmo diariamente a coleção. Para ela, este aspecto leva a necessidade de equilíbrio, em curto prazo, entre a produção e o volume comercializado, ocasionado pelo consumo rápido. Pessoa (2012) complementa que neste sistema desenfreado, onde o importante é gerar maior lucratividade para as empresas que aderiram a esse movimento, o consumidor busca estar inteirado sobre as tendências, mas não ficam atentos sobre se estes produtos têm ou não qualidade ou ainda se possuem maior ou menor durabilidade. Um exemplo da pouca

qualidade é que numa rápida pesquisa a grandes magazines, como a Riachuelo e a C&A, que compõem o universo do *fast fashion*, encontram-se peças que seguem as últimas tendências apresentadas nos recentes desfiles das grandes grifes ou ainda, como parece ser uma boa estratégia de marketing, parcerias com renomados designers de moda que dão seu toque pessoal e seu nome atrelado às etiquetas nas peças vendidas nas araras, porém, frequentemente utilizando tecidos baratos, com composição basicamente em poliéster, seja em tecidos planos ou malhas.

1.2. Slow Fashion

Sempre que há um sistema vigente dominante, paralelamente surgem outras formas de pensar e agir, para contrapor ou mesmo encontrar soluções para problemas gerados pelo atual sistema. Este conceito do “lento” teve início no setor alimentício, em 1986, na Itália, como explica Fletcher (2011). Após décadas de dominação do *fast food*, simbolizado pela empresa McDonald’s, com cardápio homogêneo em todo o mundo, exceto na Índia, onde a carne bovina não é consumida, o movimento *slow food* surgiu para retomar o prazer de comer algo tradicionalmente local, com produtos da região e apreciá-los verdadeiramente, sem a pressa do cotidiano. Assim, como esclarece ainda Fletcher, inspirado *no slow food* e como antítese do *fast fashion* surgiu o *slow fashion*. Neste sistema, não há lançamentos constantes, pois as peças são perenes, com modelagens cuidadosamente acertadas, com design atemporal que persistem por mais de uma estação, produzidos com tecidos nobres, naturais ou eco inteligentes, são, portanto, duráveis e de alta qualidade. Alguns conceitos como aproveitar a mão de obra local, matérias primas e aspectos culturais da região, concentrar-se em uma logística que seja consciente com gastos de energia e gás carbônico são essenciais. Esse movimento ganha cada vez mais adeptos no exterior por conta da crise econômica e ambiental, pois os gastos financeiros e perdas ambientais passaram a ter grande importância para o consumidor que passou a pensar mais na hora de comprar e assim, adquirir produtos que valham realmente o investimento, pela qualidade e conceito. É fundamental que a tradução do *slow fashion* não seja feita ao pé da letra, pois está além de descrever a velocidade das ações e sim de ter uma visão de mundo consciente de todo o processo que a cadeia do vestuário representa e tentar minimizar o máximo possível seus danos. Assim sendo, geralmente o produto *slow fashion* carrega alguns preceitos e é caracterizado como moda sustentável, pois

procura utilizar insumos ecológicos e agir eticamente com seus trabalhadores – definição para mercado justo ou *fair trade*.

2.1. Fair trade, Ecodesign e Design Ético no *Slow Fashion*

O *slow fashion* é também descrito como moda verde, pois trabalha com conceitos éticos, em seus âmbitos econômico, ambiental e social. Na parte econômica, um aspecto fundamental é a garantia do comércio justo, denominado “Fairtrade”, que como explica Lee (2009), é um certificado, um selo validado por *multi-stakeholder*, que fixa um preço mínimo baseado no custo real da produção sustentável com a cobrança de uma taxa extra para garantir projetos sociais ou ambientais que permitam a continuidade da produção. Já o termo “*fair trade*”, separado e com letra minúscula, significa que a empresa garante que seus produtos sejam feitos por trabalhadores pagos justamente ainda que não haja monitoramento, porém muitas geram seu próprio controle e contratam auditorias para conseguir propagar seu trabalho ético aos quatro ventos. Desta forma investe-se adequadamente no trabalhador o que por consequência transforma e movimenta a comunidade onde este vive.

Comércio justo denota parceria de comércio baseada no diálogo, no respeito e na transparência; almeja maior equidade no comércio internacional e, para isso, proporciona melhores condições de negociação para trabalhadores e produtores marginalizados, garantindo seus direitos. (FLETCHER, 2011:183).

No que se refere ao ambiental, o “Ecodesign” - que muitas vezes é chamado de design ecológico, design verde, eco friendly design, como define Piccoli (2012) – caracteriza produtos projetados responsavelmente desde a produção, sempre sem excessos, planejamento adequado dos materiais utilizados até a metodologia do descarte. Produtos do ecodesign devem, entre outras premissas, ser eficientes e terem maior durabilidade, serem atemporais e reduzir a energia gasta na logística. Para Piccoli, melhor que seja produzido nacionalmente, que propicie a geração de renda para a comunidade que a produz, que geralmente a produz em menor quantidade e melhor qualidade, o que pode aumentar seu preço, mas diminui consideravelmente seu impacto no planeta. Pazmino (2007) deixa claro que um produto do ecodesign não é um artesanato feito de sucata ou de reciclagem, mas uma peça que foi pensada em seus aspectos estéticos, funcionais, ergonômicos, com ciclo de vida longo de forma que diminua o impacto ao meio ambiente.

Já o design ético fundamentado por Inácio (2004) constitui-se de uma orientação moral, formada pela tríade: consciência, responsabilidade e liberdade. O autor separa a ética no design em três níveis de atuação, sendo eles a ética micro, macro e molar. No nível micro, as criações são de nível pessoal, ligadas a sua profissão. No nível macro foca-se na comunidade. Já o molar está inserido no mundo, englobando os níveis macro e o micro, onde todos estão interligados, sem poder existir um sem os outros. Assim o design ético carrega uma perspectiva global a partir de pequenas ações com o objetivo de atingir uma escala mundial, tendo como alvo as realidades dos países periféricos, focando a sustentabilidade, buscando resolver questões de uma ética global, com participação dos cidadãos de um mundo globalizado.

Desta forma vemos o quanto o movimento *slow fashion* carrega todos estes conceitos em busca de uma moda pautada na justiça econômica e social, consciente com o ambiente em que se instala, produz e distribui, seja local e planetária, sempre priorizando a ética.

3. Roupas sob medida, numa perspectiva do *Slow Fashion*

Todas as características pertencentes ao *slow fashion* são praticadas quando analisamos a roupa feita sob medida, encomendada a uma costureira. Atualmente, como é cada vez mais raro encontrar uma profissional dedicada e experiente, o valor pago, por peça de menor complexidade, referente à mão de obra à costureira sob medida é de seis a trinta vezes maior que o pago à costureiros de produção. O consumo de peças sob medida é considerado um luxo pela pouca disponibilidade e dificuldade de acesso, pois como a profissional possui pedidos anteriores, uma peça encomendada hoje deverá ser entregue em uma semana ou um mês, dependendo do modelo e da fila de espera.

Para Moraes (2011), o *slow fashion* permeia a qualidade e a durabilidade das peças oferecendo ao consumidor produtos atemporais e de acabamentos impecáveis, despertando-o para uma ótica de exclusividade. Geralmente encomenda-se uma peça sob medida escolhendo bem o tecido adequado à ocasião e ao modelo. Como é uma peça que demandará tempo maior que uma peça pronta, o investimento no tecido é feito com critérios de qualidade e nobreza tendo em sua composição, quase sempre, de fibras naturais, como seda, linho, lã, algodão, ou

ainda, artificiais como a viscose. O investimento no tecido e no tempo de espera da roupa, que terá modelagem e medidas personalizadas, matéria prima e aviamentos escolhidos pelo cliente, traduz-se na atemporalidade do design da peça, pois costumeiramente, para roupas sob medida, a escolha do modelo muitas vezes privilegia cortes clássicos, como alfaiataria, ou ainda, se fogem da forma minimalista e a encomenda passa a ser uma peça com modelagem diferenciada, em ambos os casos, estas peças criam um vínculo emotivo e de pertencimento tão intrínseco que estas peças permanecem em uso por muito mais tempo do que as peças compradas em lojas *fast fashion*, assim “entender os aspectos físicos, estilísticos e emocionais da durabilidade de uma peça com relação a um tipo de usuário permite satisfazer plenamente suas necessidades materiais e simbólicas” (FLETCHER 2011:86).

3.1. Aspecto Social

Pelo o aspecto social, as roupas feitas sob medida são, em sua maioria, produzidas por costureiras domésticas e, geralmente, o ateliê funciona numa extensão de sua casa, e a empreendedora consegue, ao longo da sua vida, conciliar a vida profissional com os cuidados familiares. Em situações como esta, como aponta Almeida (2002), a costureira doméstica assume uma atividade lucrativa e que harmoniza e equilibra suas atividades econômicas e familiares, como cuidar da casa e dos filhos. Geralmente essa atividade está arraigada há gerações, mulheres criadas por suas mães que trabalharam em casa com “costura para fora”. E assim apreendem o ofício e dão continuidade ao exercício da atividade, apesar de que hoje em dia está cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam fazer uma peça completa, pois hoje as costureiras, intituladas como profissionais do mercado de moda, são pessoas que trabalham em fações com produção, costuram apenas uma parte da peça. No entanto, dificilmente uma boa costureira deixará sua clientela para trabalhar como costureira ou mesmo piloteira numa confecção, pois, com diz Almeida:

O trabalho para elas significa a possibilidade de se realizarem pessoalmente através da valorização de seu trabalho e a liberdade sentida no ato de criar. Além de essa atividade propiciar autonomia, constitui-se numa fonte de renda para suprir as necessidades. Percebe-se, portanto, que ser costureira é uma atividade prazerosa, sem qualquer imposição alheia sobre o grau de compromisso e responsabilidade assumidos. (ALMEIDA, 2002:88).

3.2. Aspecto Econômico

Já no âmbito econômico, segundo caracteriza o SEBRAE (2012), costureiras de roupas sob medida são empreendedoras individuais, grupo pertencente a um dos setores mais dinâmicos e com maior potencial para a geração de trabalho e renda no século XXI, a Economia Criativa. Entende-se como Economia Criativa, segundo o relatório “Creative Economy Report” da UNESCO (2008) um conceito, ainda em construção, com base na criatividade que gera crescimento e desenvolvimento econômico. Ela pode promover ganhos de geração de renda, criação de emprego e de exportação, bem como promover a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano. Abrange aspectos econômicos, culturais e sociais, interage com a tecnologia e com a propriedade intelectual. É um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento com dimensão no desenvolvimento e nas ligações transversais em macro e micro níveis para a economia global. É um desenvolvimento viável que demanda respostas políticas inovadoras, multidisciplinares e ação interministerial. Cattani (1997) reforça que a atividade exercida no espaço doméstico e diretamente comercializado ao consumidor faz com que o trabalhador tenha autonomia sobre seu tempo e ritmo de trabalho, controle sobre as técnicas e procedimento de sua elaboração e determinação de preço. Interessante verificar que a atividade está tornando-se um luxo pelo acesso restrito a uma boa costureira. O valor pago a uma peça produzida, sob medida, à uma costureira é muito maior que o pagamento por peça a uma costureira de facção, o que por si só já configura o *fair trade*. Assim, dificilmente se encontra uma profissional com tempo ocioso. A costura sob medida está se tornando tão valiosa, tão significativa, que se encontram no mercado, ateliês especializados em passar estes ensinamentos que se antes era de mãe para filha transformou-se em um empreendimento lucrativo.

3.3. Aspecto Ambiental

O terceiro pilar é o aspecto ambiental, pois as roupas sob medida são produzidas buscando o menor consumo de tecido, aproveitando os menores pedaços. Não há toneladas de descarte dos resíduos como o do sistema *fast fashion*. A compra dos insumos é direcionada para a produção de uma peça

encomendada, não restando margem para sobras e desperdícios. Não gera estoque e, portanto, não entra em liquidação, pois o consumo é imediato, o cliente adquire uma peça única, exclusiva. Desta forma o consumidor dificilmente irá se desfazer facilmente desta peça, ergonomicamente moldada para si, normalmente produzida com tecidos nobres, especiais, escolhidos especialmente para determinada ocasião e gosto pessoal. Assim, desde o início da produção, onde se consome somente o necessário pra produzir uma peça, gerando pouco resíduo e diminuindo as chances de descarte da peça pronta pela sua exclusividade, qualidade e valor agregado, diminui consideravelmente o impacto ambiental. Produzir de forma consciente é ideia compartilhada por Ferreira (2012) que alerta sobre a produção de forma excessiva realizada pelo mercado vigente de moda e após, frequentemente, não se consegue escoar todos os produtos. Acredita que produzir *fast fashion*, roupa com pouca qualidade, feita para vestir duas ou três vezes e logo ser descartada, não vale o investimento e o impacto ambiental que exerce. A autora acredita que a moda artesanal é mais amiga do ambiente, por serem mais duráveis, e que, mesmo após algum uso, mantêm a qualidade e pode ser adaptada ou complementada, conferindo-lhe assim um *new look*.

Desta forma, o *slow fashion* representa o movimento verde, segundo Pessoa (2012) em matéria para a revista Costura Perfeita, que fez surgir um consumidor mais consciente, que pensa bem antes de adquirir, que prefere produtos de qualidade e durabilidade, que utiliza mão de obra justa, fibras naturais e sustentáveis que podem ser descartadas no meio ambiente com menor impacto. Esse movimento verde também denominado Economia Verde, abriga o comércio justo, o eco fashion, o design ético, o eco design, dentre outras tendências de moda e consumo que são mais amigas do meio em que vivemos tanto localmente quanto mundialmente.

Discussão dos Dados



Fi

gura1 : Processo da encomenda de roupa sob medida

Para entender o processo de roupa sob encomenda, consultou-se a costureira Neeme Sales, 59 anos que atende por hora marcada em seu ateliê. Como estratégia de conforto e exclusividade oferece o atendimento na casa da cliente, porém deixa claro que o atendimento em seu ateliê é o mais recomendado, pois neste espaço há inúmeras revistas, acesso à internet, que podem servir como referência e alguns cortes de tecidos nobres, como seda, linho, lã, viscose javanesa, todos em cores básicas como cinza, preto, azul, branco ou ainda que seguem as últimas tendências, como o bordô, verde musgo, além de estampados disponíveis para a escolha das clientes.

No ateliê, foi falado sobre a ocasião em que será utilizada a peça no evento de moda sustentável no Sesi Cria Moda Sustentável. A ideia é combinar um modelo prático, versátil, chique e atemporal com um tecido nobre, natural e sustentável. O resultado foi a escolha de um macacão. Cada detalhe da peça formou uma única mistura de várias referências, tanto das revistas de moda disponíveis no ateliê, buscas na internet, quanto detalhes de gosto pessoal.

Definido o modelo, chega a vez da escolha do tecido. Conforme explica o site Linho.org (2013), ele é considerado um dos tecidos mais sustentáveis do mundo, unindo aspectos ecológicos com conforto, durabilidade e versatilidade.

Medidas aferidas, a costureira acertou o prazo para entrega em duas semanas, pois havia outras entregas a ser entregues. Foi marcada a primeira prova em dez dias. Esta etapa é primordial para ajustar a peça conforme o corpo da cliente, antes de terminá-la por completo. No final deste primeiro encontro foi acertado o custo da mão de obra em R\$150,00.

Após dez dias foi realizada a primeira prova. Ajustes solicitados e realizados, após três dias a peça foi entregue resultando uma peça completamente única e feita especialmente para o corpo da cliente sob medida.

Considerações Finais

A encomenda de uma roupa feita sob medida é uma das formas mais antigas de se trabalhar um novíssimo conceito, o *slow fashion*. Não só por ser uma forma mais lenta de produção, mas por conter os conceitos de uma moda sustentável, como a aquisição de materiais calculados apenas para a produção da peça encomendada, sem resultar em grandes sobras, pois geralmente a costureira compra e utiliza integralmente o tecido. Geralmente utilizam-se tecidos naturais, de fácil decomposição no meio ambiente para quando houver o descarte, que costuma ser muito mais demorado que de uma peça *fast fashion*, pois foi produzida a partir de escolhas, seja de um modelo único, de um tecido específico, com as medidas do corpo. Só estes fatores já diminuem o impacto no meio ambiente.

A roupa sob medida, encomendada a uma costureira, valoriza seu trabalho, pois o preço pago por peça é muito maior ao valor recebido pelos costureiros do sistema *fast fashion*. O cliente rastreia a forma de produção, garante que a peça não foi feita por adultos e crianças que trabalham para sobreviver minimamente, apenas em troca de um colchão no chão e comida sem armazenamento adequado, como acontece no atual sistema vigente, que “fecha os olhos” para continuar produzindo peças extremamente baratas. Só no quesito trabalho, a roupa sob medida configura justiça social e econômica, que junto com o processo de menor impacto ambiental, completa a tríade da sustentabilidade, além de transpor o ato de apenas obter e

possuir uma peça, mas de fazer parte fisicamente e emocionalmente a esta roupa e vice-versa.

Referências

ABIT. **Sinditêxtil apresenta mapeamento inédito do setor São Paulo**. Disponível em:

http://abit.org.br/site/noticia_detalhe.asp?controle=2&id_menu=20&idioma=PT&id_noticia=3440&tipo=2&>. Acesso em: 25 ago. 2012.

ALENCAR, Vinicius. **Cursos de corte e costura estão sendo cada vez mais procurados, saiba o motivo!** Boa Vida. Chic por Glória Kalil. 18 ago. 2011. Disponível em: <http://chic.ig.com.br/boa-vida/noticia/cursos-de-corte-e-costura-estao-sendo-cada-vez-mais-procurados-saiba-o-motivo> Acesso em: 07 mai. 2013.

ALMEIDA, Analuisa Bernardi de; Hirata, Semíramis Fabíola; Onesti, Lydia Akemy. **Recorte do trabalho doméstico de costureiras e suas interfaces com a esfera familiar, social e política**. Revista eletrônica Terra e Cultura, ano XIX, nº37, 2002. Disponível em: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/37/terra%20e%20cultura_37-8.pdf Acesso em: 19 set. 2012

ANICET, Anne; BESSA, Pedro; BROEGA, Cristina. **Ações na área da moda em busca de um design sustentável**. Universidade do Minho, Portugal: Comissão Organizadora do VII Colóquio de Moda, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/14959>>. Acesso em: 11 set. 2012.

ANICET, Anne; BESSA, Pedro; BROEGA, Cristina. **Colagens Têxteis: uma nova concepção de produtos sustentáveis para o design de moda**. Universidade do Minho, Portugal: Comissão do 1º Congresso Nacional de Design – desenhando o futuro, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/14659> . Acesso em: 11 set. 2012.

CATTANI, Antônio David et al (Org.). **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. Petrópolis: Vozes, 1997

DOMMAS. **Costura moderna: Ateliê Zigue Zague**. Blog Dommas, 17 fev. 2013. Disponível em: <http://www.dommas.com.br/2013/02/costura-moderna-atelie-zigue-zague.html>. Acesso em 09 abr. 2013.

FERREIRA, Ângela Sá; NEVES, Manuela; RODRIGUES, Cristina. **Design e artesanato**: um projeto sustentável. Ensaios. Senai Cetiqt, 2012. Disponível em <www.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/article/.../208>. Acesso em: 10 set. 2012.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & sustentabilidade**: design para mudança. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

HOFFMANN, Maria Gorete. **Fast fashion**: risco ou oportunidade. Relatório de inteligência. Sistema de Inteligência Setorial, 2011. Disponível em: http://api.ning.com/files/mc9Mhd-81sMVkwmMJfXKfWlss*tv4Vtpoc2Bp_Ry8hclXGo_JZ7jhJW*tJiKAmkmapWLbY2cXbYw4DTBzu07BdxYctjsWvlsSC/FastFashion_Risco_ouoportunidadereatorio_692.pdf Acesso em 13 mar.2013.

INÁCIO, Luís. **Desígnio: ética e design?** Fundamentos para uma ética no Design. Escola Universitária das Artes Coimbra. 27 nov. 2004. Disponível em: http://designio.com.sapo.pt/Etica/Etic_01_EtcDsgn.htm Acesso em 20 mai. 2013.

KALIL, Glória. **Quem disse que não se faz mais roupas sob medida?** Alô Chics! Chic por Glória Kalil. 29 jul. 2011. Disponível em: <http://chic.ig.com.br/alochics/noticia/quem-disse-que-nao-se-faz-mais-roupas-sob-medida> Acesso em 07 mai. 2013.

LEE, Matilda. **Eco chic**: o guia de moda ética para a consumidora consciente. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LINHO.ORG. **Linho, um dos tecidos mais sustentáveis do mundo**. Disponível em: http://www.linho.org/sustentabilidade_linho.html Acesso em 21 mai. 2013.

LOVE BLANKIE. **Aulas de costura para crianças**. Disponível em: <http://www.loveblankie.com.br/aula-costura.htm> Acesso em 09 abr. 2013.

MORAIS, Carla; CARVALHO, Cristina; BROEGA, Cristina. **O Corporative Wear como proposta de valorização dos resíduos têxteis enquanto agente de**

ReDesign de uma marca de vestuário street-wear. Universidade do Minho, Portugal: Proceedings Designa, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/19246>>. Acesso em: 11 set. 2012.

NAZARIO, Geisi Fabiane. **Prática artesanal e moda: um alicerce social.** 2010. Monografia (Graduação em Moda) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000011/00001142.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2012.

NEGRI, Guilherme Augusti. **O impacto da fast fashion na vida de milhões de pessoas.** Green Life. Coletivo Verde, 21 ago. 2010. Disponível em: <http://www.coletivoverde.com.br/o-impacto-da-fast-fashion-na-vida-de-milhoes-de-pessoas/#> . Acesso em: 31 mar. 2013.

PANHAM, Mariana. **Inovação: Vestuário mais limpo.** Vestir, Revista da Indústria do Vestuário. Nº 3, Jul Ago Set, 2012. P. 17.

PAZMINO, Ana Verônica. **Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável.** I Simpósio Brasileiro de Design Sustentável. Curitiba, 4 set. 2007. Disponível em: http://editorainsight.com.br/naolab/wp-content/uploads/2012/03/PAZMINO_2007-DSocial-EcoD-e-DSustentavel.pdf

PESSOA, Karina dos Santos Galego. **Slow fashion x fast fashion: consumo para estar na moda ou consumo consciente.** Caderno SENAI. Revista Costura Perfeita, Ed. 16. Set, 2012, p. 92.

PICCOLI, Mariana. **Ecodesign: o que é e o que eu tenho a ver com isso?** Arte e Design. Coletivo Verde, 17 fev. 2012. Disponível em: <http://www.coletivoverde.com.br/oque-e-ecodesign/> Acesso em 31 mar. 2013.

RODRIGUES, Marcela. **À minha moda: modelo exclusivo.** Revista Manequim, Março 2013, p. 20-21

SAKAMOTO, Leonardo; SANTINI, Daniel. **Governo flagra escravidão envolvendo grupo que representa a GAP no Brasil.** A rede da Cidadania, Março 2013. Disponível em: <http://arededacidadania.wordpress.com/2013/03/23/governo->

[flagra-escravidao-envolvendo-grupo-que-represent-a-a-gap-no-brasil/](#) Acesso em: 28 abri. 2013.

SCHULTE, Neide Köhler; GODOY, Ilma. **As dimensões da sustentabilidade aplicadas em produtos slow fashion.** Universidad de Palermo, Argentina, 2011. Disponível em: http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2010/administracion-concursos/archivos_conf_2012/530_47500_793con.pdf Acesso em: 10 set. 2012.

SCHULTE, Neide Köhler; LOPES, Luciana. **Sustentabilidade ambiental: um desafio para a moda.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao2/files/sustentabilidade_ambiental_neide_e_luciana.pdf Acesso em 11 abr. 2013.

Sinditêxtil-SP. **Sinditêxtil-SP lança projeto com responsabilidade socioambiental.** 28 jun. 2012. Disponível em: <http://www.sinditextilsp.org.br/index.php/materias/item/840-sinditêxtil-sp-lanca-projeto-com-responsabilidade-socioambiental>. Acesso em 31 mar. 2013

Sinditêxtil-SP. **Entrevista: Alfredo Emílio Bonduki fala ao Canal do Empresário.** 03 set. 2012. Disponível em: <http://www.sinditextilsp.org.br/index.php/materias/item/892-entrevista-alfredo-emilio-bonduki-fala-ao-canal-do-empresario>. Acesso em 31 mar. 2013

SEBRAE. **Empreendedor Individual na economia criativa.** SEBRAE, 2012. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/setor/economia-criativa/gestao-empresarial/empreendedor-individual/Cartilha%20EI%20Economia_Criativa.pdf Acesso em 13 mar 2013.

UNESCO. **Criative Economy Report** .2008. Disponível em: http://unctad.org/en/Docs/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em 08 mai 2013.